

## EDITORIAL

Fazer um editorial de Revista, ou seja, antepor a um texto outro texto defendendo a temática principal do objeto a ser lido é expor-se a riscos. O primeiro deles, conforme Geraldini (1993), inescapável, porque próprio do acontecimento de sua enunciação, é o de tentar revelar suas chaves de leitura. O segundo é o de oferecer ao leitor pistas (in)adequadas ou chaves de entrada que, cristalizadas, abram apenas um caminho de leitura, ofuscando, assim, a polifonia, as múltiplas leituras de um texto. O terceiro é circundar a temática do texto principal, na tentativa de anunciar, ou deixar transparentes os caminhos seguidos por diversos autores mediante um ‘imperfeito instrumento’, ou instrumento opaco, que é a linguagem.

Mesmo correndo todos esses riscos, tentarei ressaltar os motivos de se ler mais esta Revista de Educação da FUNEC.

Primeiramente é importante ressaltar a importância de continuar a discutir um tema tão presente na sociedade contemporânea, tema histórico, muito debatido e defendido e ainda solicitando reflexões e debates. No entanto, questionamos: que educação temos hoje? Em que essa educação, ou o processo ensino/aprendizagem de hoje difere da educação do passado? Comparemos as salas de aula do século XVII e as de hoje, qual a diferença? A disposição das carteiras e dos alunos? Comparemos o professor daquela época e o de hoje em que diferem? Os conteúdos? Os roteiros de leitura? O sujeito aluno, como nos dirigíamos a esse sujeito no passado e como nos dirigimos a esse ser ainda hoje?

Posso fechar os olhos, imaginar as duas épocas via história da educação e a experiência do hoje, o que vejo? Nada mudou, posso dizer que ao invés de indignação, inconformismo, vejo um quadro de tranquilidades, de satisfação com a realidade atual da educação. Fala-se em letramento, multiletramentos, tecnologias educacionais, interação, interlocução, diversidade, inclusão... Mas ao percorrer os corredores das escolas, ao conversar com nossos colegas/alunos/professores do PARFOR, do PROFLETRAS, PIBID; os nossos estagiários – futuros professores; ao analisar os manuais didáticos, verifico que pouca coisa ou nada mudou.

Encontro muitos escritos: livros, artigos, teses, Dissertações, TCC publicados com teorias os mais inovadores possíveis, mas a educação do século XXI continua a mesma, essas teorias parecem não ser ouvidas, apropriadas pelos agentes do ensino, tudo isso é silenciado, como se teoria e prática fossem algo dicotômico que não pudessem entrelaçar-se. A teoria

para ficar no papel e na academia; a prática para quem exerce o papel de professor e esta se repete não se reelabora, não se desloca...

Diz-se muito que é preciso investir na formação do professor, no entanto, a maioria dos participantes desses cursos de curta duração, espera treinamentos, técnicas a serem aplicadas, mas não a reelaboração de suas concepções do processo ensino/aprendizagem, a mudança de postura frente ao fazer pedagógico. Hoje temos um movimento contínuo em prol da formação inicial do professor, como de sua formação contínua por meio de programas governamentais, com isso, vislumbramos uma luz no fim do túnel, vislumbramos um desejo intenso de transformação, de vontade de saber-fazer algo inovador, transformador, e, nesse entorno temos as publicações de relatos de experiências, de resultados de pesquisas, apontando para a reelaboração da educação do século XXI, voltada para a formação do sujeito capaz de atuar na sociedade de formativa e reflexiva, de acordo com uma concepção de educação não da repetição, mas voltada para a transformação polifônica.

Nesse sentido, neste número v.1, n.2 da Revista de Educação da FUNEC, temos o primeiro artigo **Espaço físico escolar e desenvolvimento infantil: ensaio sobre a qualidade do atendimento na educação infantil** que, numa perspectiva vigotiskyniana, trata da influência do ambiente das instituições de educação infantil como elemento fundamental para o processo de formação da criança de zero a seis anos nos Centros de Educação Infantil – CEINF. Portanto, qual é a visão dos professores da educação infantil sobre esses ambientes de formação da criança? Até que ponto esses ambientes interferem no processo ensino/aprendizagem? É o que trata esse primeiro artigo.

O segundo artigo, **Espaço e forma na educação infantil: uma visão ampliada do ensino de geometria**, a partir da análise de pesquisas científicas e documentos oficiais sobre a educação, o autor discute a importância do ensino de geometria na Educação Infantil e como esta disciplina contribui para o desenvolvimento de competências espaciais na criança. Apesar das críticas sobre se ensinar geometria na Educação Infantil e aos métodos utilizados, o autor do artigo conclui que é fundamental que se trabalhe a geometria na educação infantil a partir da realidade do aluno, o que exige planejamento e o uso de recursos lúdicos e criativos, para que a criança possa, a partir da construção da representação de espaço e forma, apropriar-se de conceitos matemáticos que lhe sejam significativos. O autor defende que esses conceitos são fundamentais para o desenvolvimento das potencialidades da criança, pois eles se encontram em diversas atividades executadas por ela diariamente, no reconhecimento de

quantidades, nas brincadeiras, nos jogos infantis e pedagógicos, o que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico e da criatividade do aluno.

No terceiro artigo, o autor de **“Educação para todos”: uma proposta comeniana** traz à baila a questão do livro didático, apresenta a organização do trabalho didático, discute a relação entre o mestre e o discípulo, até chegar à proposta feita por JOÃO AMÓS COMENIUS no século XVII, com a idéia de uma “educação para todos”, cuja concepção era de que ao utilizar-se dos livros panméticos, qualquer um poderia ensinar, pois estes norteariam toda a prática do professor. Nessa discussão, o autor alude que esse método está presente, ainda, em nossos dias, sendo que o material apresentado por Comenius foi um dos grandes responsáveis pelo trabalho do professor em sala de aula, o tão utilizado pela maioria dos professores, o livro didático.

A seguir, temos o quarto artigo, **Escolarização da infância em Paranaíba (MT): memórias de ex-alunas do Educandário Santa Clara (1955-1958)**, que por meio de uma perspectiva histórica, tem como objetivo explorar aspectos históricos sobre o Educandário Santa Clara, na cidade de Paranaíba (MT). O estabelecimento escolar foi criado por lideranças locais e regionais em conjunto com membros da Ordem dos Frades Menores (OFM), da Província da Turíngia na Alemanha. Foi eleito o recorte temporal do ano de 1955/1958 por evocar as memórias das ex-alunas internas entrevistadas da instituição. Por meio de entrevistas, observou-se a rotina escolar permeada de horários, atividades e punições, utilizadas no sentido de disciplinar. As fontes orais permitiram evidenciar os processos histórico-sociais na região, a infância e a escolarização no Educandário Santa Clara. Assim, a pesquisa veio contribuir com a atual e futuras gerações no sentido de preservar a contento as memórias das internas do Educandário Santa Clara que servirá de estímulo para pesquisas futuras.

Finalmente, temos o artigo **A trajetória profissional de uma professora do nordeste paulista: a história do fazer-se professora de Marilza Barbosa de Almeida Marques**, que retrata a trajetória acadêmica e pessoal, de uma professora, nascida no sertão paulista, na década de 40. A metodologia utilizada foi a história oral, possibilitando o registro da memória individual, da reinterpretação de um passado. O objetivo da pesquisa foi relatar a trajetória profissional do sujeito da pesquisa, para que possamos compreender o ser e fazer-se professora na década de 70, no intuito de problematizar as seguintes questões: Como foi estudar em uma época onde a formação de moças não tinha apoio da própria família? Como foi a trajetória desse fazer-se professora?

Portanto, este número da Revista Educação da FUNEC traz uma contribuição indispensável para professores tanto do ensino superior, da Educação básica, como para a formação de professores e pesquisadores que militam em prol de uma educação de qualidade, colocando-se na batalha pela mudança e pela revitalização do processo ensino/aprendizagem em todas as áreas da educação.

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silvane Aparecida de FREITAS<sup>1</sup>

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Neide Araujo Castilho TENO<sup>2</sup>

### REFERÊNCIA

GERALDI, João Wanderley. Trouxeste a Chave? In: MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Em Sobressaltos:** formação de professora. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1993.

---

<sup>1</sup>Professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, silvaneafreitas@hotmail.com

<sup>2</sup>Professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, cteno@uol.com.br